

MENINA, MENINO, MADRINHA E PAVÃO: EM BUSCA DE UM ESPAÇO IMAGINÁRIO

Raul César da Silva dos Santos

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

raulcdossantos@hotmail.com

Antônia Katarina Gois Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

katgois@hotmail.com

Francielly Coelho da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

franciellycdsp@gmail.com

Resumo: Na obra *A casa da madrinha*, de Lygia Bojunga Nunes, notam-se aspectos que dão ênfase a questões sociais relativas ao contexto sócio-histórico em que foi escrita. É preciso entendê-lo: época de ditadura no Brasil, em que era comum o autoritarismo e a falta de liberdade de expressão. As vozes, como afirmam muitos historiadores, eram abafadas. Em seu romance, Lygia traz destaque para indivíduos marginalizados pela sociedade, como é o caso do menino Alexandre, que sonha encontrar a casa de sua madrinha, espaço este inventado por seu irmão, a fim de tornar a realidade do menino mais leve. Ao menos, até certo ponto da narrativa. *A casa da madrinha* é obra significativa da literatura infantojuvenil desse período, uma vez que apresenta caráter plurissignificativo em sua linguagem. Obra de elevada relevância estética que põe em pauta discussão de ideias, valores e comportamentos da sociedade contemporânea. Estão presentes variadas simbologias que ampliam o letramento literário dos estudantes e, decisivamente, contribuem para a formação de leitores crítico-reflexivos e, por isso, importante de ser lida em sala de aula. Neste artigo, busca-se, além de apresentar e discutir a construção, por Bojunga, de personagens como representantes de diferentes sujeitos em seus lugares sociais, também apreender em que medida Lygia demonstra e discute o autoritarismo da época em sua relação com o desejo de se fazer ouvir por seus personagens a quem não é dado o direito à voz, por isso, considerados marginais, como o Pavão e, especialmente, o menino Alexandre e mesmo Vera. Assim, ao longo deste trabalho, discute-se a partir do enredo, das experiências sensoriais dos personagens, em seus diálogos, cenas e no próprio espaço idealizado, a casa da madrinha de Alexandre, como estão representados, de modo simbólico, os elementos do autoritarismo, da liberdade de expressão e das sensações que extrapolam a realidade mais dura, considerando

as diferentes relações de poder existentes, inclusive no que se refere à linguagem. Percebe-se, então, em Bojunga, a literatura, em uma de suas funções, a de denúncia da dura realidade dos anos em que se viveu sob o regime militar. Também se discute e se propõe em que medida essas análises podem contribuir para a formação do leitor literário já no Ensino Fundamental. Discutir-se-á a partir destes autores: Allende; Conderíman (2005), Barthes (2002); Cosson (2009) entre outros. Acredita-se que este trabalho pode ser importante para estudantes de Pedagogia e Letras e professores da Educação Básica que se preocupem com a promoção do letramento literário.

Palavras-chave: Literatura Infantojuvenil; Função Social da Literatura; Letramento Literário.

1. Introdução

Diante do reconhecimento da importância do papel da escola e do professor na formação de leitores críticos e da necessidade de inserção de diversas práticas de letramento, não podemos nos esquecer do importante lugar que o texto literário, simbólico, deve ocupar em sala de aula. Uma vez que, como afirmam Allende; Condemarín (2005), a leitura de literatura mobiliza ativamente a imaginação dos estudantes e, portanto, a sua criatividade. Um exemplo é o fato de que, ao ler um conto, o leitor imagina os personagens, a partir de suas próprias experiências e interações humanas, o cenário em que este se insere.

Torrance (1979) *apud* Allende; Condemarín (2005, p. 181) afirma que “quanto mais atos criativos uma pessoa experimenta [...]” mais enriquece a sua vida. A leitura de literatura também desenvolve no leitor a capacidade de, ao se identificar com um personagem, aperfeiçoar as suas próprias emoções, enriquecendo sua afetividade.

Ao falamos em ensino de leitura de literatura, falaremos mais especificamente em letramento literário. Sobre esse termo Cosson (2009) nos diz ser o processo de escolarização da literatura. O autor trazendo afirma que a proposta do letramento literário é reformar, fortalecer e ampliar a educação literária que se oferece no ensino básico, buscando a formação de uma “comunidade de leitores que [...] saiba reconhecer os laços que unem seus membros no espaço e no tempo. [...] que se constrói na sala de aula, mas que vai além da escola, pois fornece a cada aluno e ao conjunto deles uma maneira própria de ver e viver o mundo” (cf. COSSON, 2009, p. 12). É nessa perspectiva de letramento literário que nosso trabalho se embasa.

A literatura não é apenas experimentação estética em sua ação humanizadora. A literatura, em alguns contextos, é também “veículo” simbólico de denúncia social, ainda que, sendo por exemplo, literatura infantojuvenil, possa passar despercebida aos olhos de um leitor desavisado.

Muitos autores utilizaram a literatura não apenas com o intuito de desenvolver no seu leitor uma apreciação do mundo a partir do prazer estético, também pensaram em formas de criticar os valores da sociedade em que estavam inseridos, foi assim, por exemplo, com Victor Hugo, Charles Dickens, Machado de Assis e tantos outros. Lygia Bojunga também se encaixa nesse contexto.

Ao analisarmos sua obra *A casa da madrinha* (2008), percebemos não apenas a literariedade e tantas outras questões igualmente importantes, mas também o desejo de poder “falar” sem ser percebida por aqueles que dominavam o sistema. É disso, embora não apenas disso, que iremos tratar neste artigo.

É preciso discutir como Lygia constrói personagens, representantes de diferentes sujeitos em seus lugares sociais. Também de modo ela demonstra e discute o autoritarismo da época em contradição ao desejo de se poder falar livremente. Direito este que lhes é negado: ao Pavão, ao menino Alexandre e também a Vera.

De que maneira a casa da madrinha de Alexandre e os lugares sociais que os personagens ocupam representam a liberdade de expressão, o desejo de mudança por uma sociedade mais justa? É preciso pensar. Também é preciso discutir em que medida essas análises podem contribuir para a formação do leitor literário.

2. Qual o lugar da literatura e do letramento literário na escola? E o que isso tem a ver com a(s) alternativa(s) para o desafio de construir leitores letrados?

O trabalho com a leitura literária na escola devem considerar os conceitos de leitura de prazer e de fruição propostos por Barthes (2002): *texto de prazer* e *texto de fruição* são expressões com significados distintos. O prazer é, sempre, subjetivo. Daí, não se poder classificar um texto como “bom” ou não, considerando apenas o prazer que ele pode causar ao leitor. Uma vez que esse prazer é pessoal.

Barthes (2002, p. 21-2) nos apresenta o *texto de prazer*, como sendo “aquele que contenta” e “dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela”, como prática confortável de leitura. Já o *texto de fruição* para ele “põe em estado de perda”, “que desconforta [...]”. Esse texto quebra com os paradigmas do leitor: suas “bases históricas, culturais, psicológicas, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem”.

O texto de literatura permite ao seu leitor o despertar do contentamento e do deleite. Alguns leitores “desavisados”, porém, não conseguem ultrapassar o *texto de prazer*. A leitura de fruição é muito mais complexa, exigindo do leitor mais esforço cognitivo, mais maturidade psicológica.

Alguns não chegam nem mesmo ao “texto de prazer”, ou seja, não conseguem sentir prazer ao ler literatura.

Ao lermos, é possível estabelecermos relações entre o conhecimento passado e o presente e, assim, valorizar o que temos como patrimônio cultural. Não podemos perder as nossas referências históricas e literárias.

A escola é apenas um dos locais privilegiados para tal prática, devendo, por isso mesmo, formar leitores competentes. Para tanto, deve propiciar-lhes o conhecimento de importantes obras da literatura. Ao ler essas obras e outras que as sucederam, os alunos poderão estabelecer relações entre elas e obter suas próprias interpretações. Caso a escola não proporcione aos seus alunos o conhecimento dessas obras, estará negando um de seus papéis sociais fundamentais e o direito dos discentes.

O ideal é que a leitura literária seja exercida sem o abandono do prazer, mas com o compromisso de conhecimento que todo saber exige. Entretanto, essa leitura não pode ser realizada de modo assistemático em nome de um absoluto prazer. Deve ser organizada de acordo com os objetivos de formação do aluno (cf. COSSON, 2009).

Porém, é preciso considerar que, mesmo o prazer, pode não ser obtido em um primeiro momento. Basta pensar no aluno que precisa se dedicar bastante para determinada disciplina e que, depois de longo esforço, consegue obter uma boa nota. Ele terá prazer ao ver o resultado e, talvez, até mesmo durante o processo. Com a leitura é preciso considerar isso também: o prazer de um texto pode ser imediato, mas pode ser que demore um pouco. Para que haja o prazer da leitura é preciso que, de algum modo, o texto faça sentido para o seu leitor.

“Ler por ler” não traz grandes benefícios à formação do aluno. Por trás dessa prática, existem pressuposições sobre literatura e leitura que pertencem ao senso comum. É preciso ir além do que simples ato de ler, a fim de promover o letramento literário. São algumas dessas pressuposições: os livros falam por si mesmos ao leitor; ler é um ato solitário; é impossível expressar o que sentimos ao ler o texto literário. O efeito de proximidade que a leitura traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele traz com o mundo e com os outros (cf. COSSON, 2009).

Cosson (2009) aponta três direções para esse trabalho: professores que só admitem a leitura dos cânones; outros que os esquecem, levando para a sala de aula apenas as obras atuais que as editoras levam às escolas, sob a justificativa da proximidade com linguagem dos alunos, com os temas mais interessantes a eles (festas, paquera, beijo, namoro, *bullying* etc.); outros ainda

defendem a pluralidade e a diversidade de autores, temas, gêneros discursivos e obras. Cosson defende que essas três direções tomadas isoladamente pouco ou nada contribuem para a formação de leitores. Para ele, se utilizarmos de bom senso, podemos, utilizando essas três práticas em conjunto, torná-las benéficas aos alunos.

O cânone guarda parte de nossa identidade cultural, não havendo maneira de se atingir a maturidade como leitor sem perpassar por ele. É preciso dar aos alunos a oportunidade de conhecer uma diversidade de textos de literatura, sem confundir diversidade com quantificação. O importante é a qualidade não a quantidade de obras. Assim, na escola, é preciso que exista lugar para “o novo e o velho, o trivial e o estético, o simples e o complexo e toda a miríade de textos que faz da leitura literária uma atividade de prazer e conhecimento singulares” (cf. COSSON, 2009, p. 36).

É interessante que a escola promova rodas de leitura, em que os alunos possam comentar sobre o que leram, se gostaram ou não e o porquê. Formar grupos de discussão entre os que leram ou estão lendo a mesma obra, acompanhando suas discussões, ajudando-os com novas reflexões. Promover dramatizações, resenhas, pesquisas, entrevistas sobre alguma questão da obra, debates, cartas ou emails aos autores, comparações entre um livro e um filme (cf. COSSON, 2009).

3. É preciso mais que ver, é preciso olhar... É preciso ir em busca da casa da madrinha...

Segundo Cardoso (1988, p. 347-8), “Não é, de fato, o mesmo, na nossa fala corrente, dizer que vimos algo ou alguém ou que os olhamos. [...] entre o ver e o olhar, transitamos numa escala, que evoluímos de um ao outro numa mesma linha, por gradação”. Ora, para ver não é preciso muito. Não é preciso tempo, nem construção. Para ver basta ter olhos. Mas para olhar, não, para olhar, é preciso ter visão, é preciso ter sensibilidade. E a sensibilidade é algo que leva tempo para ser construída, lapidada, aperfeiçoada. A sensibilidade não se aprende de maneira brusca.

O olhar é individual, nunca coletivo. Quando passa a ser coletivo, já não é olhar. É ver. Para olhar também é preciso ter um pouco de imaginação. E isso é algo que nós, adultos, muitas vezes, perdemos. A literatura nos ajuda a manter a imaginação que poderia ter sido perdida. Ela também nos ajuda a desenvolver o olhar. Porque para olhar não basta ver o exterior, é preciso olhar para dentro, sentir a si mesmo, descobrir quem somos. Entender o sentido de sermos.

Podemos dizer que o olhar também pode ser perigoso. Para quem só estar acostumado a ver, olhar pode causar danos irreversíveis aos olhos. Alguns desejam apenas ver, mesmo tendo a capacidade de olhar. Outros, não sabem olhar e nem possuem estrutura para isso. Porque, para olhar, também é preciso se despir dos preconceitos, das ideias preestabelecidas. Para tanto, é preciso coragem. Há também aqueles que sabem olhar, mas têm medo das consequências de suas visões. E

áí preferem se enganar ou enganar aos outros fingindo que apenas podem ver. Há também os que ao olhar são obrigados a fingir que apenas veem.

O escritor é aquele que olha e nos ajuda a fazê-lo. Por ter a capacidade de olhar mais profundamente, finge apenas ver e o faz a partir de sua escrita. É aí que a simbologia de suas palavras ganha sentido para aquele que é capaz de olhar como ele. Lygia é assim.

Em *A casa da madrinha* (2008), percebemos diferentes visões de mundo. Alguns apenas veem por quererem ou porque as circunstâncias da vida (do sistema) tornaram com que fosse assim. Outros desejam olhar, mas são impedidos e acabam, em meio ao olhar, apenas vendo. E há os que não veem, apenas olham. Há também os que veem e olham e levam seu olhar a outras pessoas.

Alexandre, personagem protagonista, é um dos que sabem olhar. Seu olhar foi aprendido, ensinado/ despertado por sua professora e por seu irmão Augusto. Estes não apenas viam, mas também olhavam. Eles desejaram que Alexandre pudesse olhar, em vez de apenas ver.

Já Vera é aquela que deseja olhar, mas é obrigada a se perder no “ver”. Ela até olha, mas, em meio às pressões, acaba por destruir o seu olhar. Os responsáveis por isso são seus pais que apenas veem, embora, um dia, já possam ter olhado.

O enredo se desenrola sob o olhar do menino, sujeito marginalizado e sem direito à voz. A ele só resta o olhar. Ainda que para muitos que, como ele, se encontram em situação semelhante, apenas lhes reste o “ver”.

O olhar de Alexandre é sua libertação. É pelos seus olhos que ele vai em busca da casa de sua madrinha; sinal de que a liberdade de uma pessoa pode estar na sua forma de olhar. Alexandre é livre. Seu modo de enxergar a situação em que vive o torna assim. Por isso, tem voz. A voz que roubaram de sua professora. De Alexandre ninguém rouba nada, porque o que ele tem é algo abstrato, subjetivo: seu modo de olho, o desejo e a esperança de um local melhor e seguro.

Alexandre encontra a casa de sua madrinha, local em que tudo é farto, confortável e esplendoroso. A força de seu olhar é tão grande que Alexandre leva junto com ele Vera e o Pavão. Os dois também visitam a casa de sua madrinha. Alexandre sai de um lugar de fome e miséria e chega em um lugar de fartura e bonança. Talvez fazendo lembrar o Brasil de miséria e fome da época em que o livro foi escrito e o desejo de dias melhores.

Na casa de sua madrinha, Alexandre encontra não apenas a saciedade de suas necessidades fisiológicas - uma vez que lá ele pode conseguir, de graça, biscoitos -, mas também um pouco da divisão de “riquezas” que paira sob a mesa dos mais abastados, representado pela fartura dos bolos.

Além de comida, na casa “imaginária” de sua madrinha, há uma cadeira que não permite que se sente nela pessoas que falam palavrão, que são mal-educadas. Há duas possibilidades, senão outras, de interpretação: a cadeira representando o sistema que não aceita que se acomode as pessoas que subvertem a ordem estabelecida ou aquela capaz de matar a sede por ética e justiça, pois que só admite pessoas que sabem tratar bem as outras.

Para a sociedade, o menino não tem voz/ importância. No entanto, ele prova que é possível “fazer a diferença” se puder olhar. Certamente, por experienciar a casa de sua madrinha, Alexandre jamais será o mesmo e seu olhar, agora, será mais aguçado. E não é assim também com a literatura?

Já os pais de Vera pode ser que, quando criança, também tivessem a capacidade de olhar e as regras sociais impostas pelo sistema tenham feito com que eles perdessem essa capacidade.

Olhar é também trabalhoso. Pode doer, machucar, cortar e rasgar a alma, pode tornar em pedaços o que antes era inteiro. E, às vezes, até fazer sangrar.

Ao encontrar a casa da madrinha, Alexandre, com certeza, cresceu, mas ninguém deve ter notado. Porque esse crescimento foi interno.

Araújo (s/d) afirma que a Bojunga tem como foco de suas obras a exploração dos oprimidos e as relações que perpassam a vida dos indivíduos na família e na escola. É a partir do imaginário, do simbólico que ela provoca o leitor para que se identifique com o texto, ajudando-lhe na resolução de seus conflitos. Lygia demonstra, a partir de seus textos, o sistema autoritário e opressor em que se estar inserido: ou se aceitam as regras do sistema, deixando-se vencer; ou se vive à margem, na tentativa de burlá-lo, criando suas próprias regras, adaptando-se as que forem possíveis; ou se sai dessa sociedade. Há, em sua obra, um jogo de tensões entre opressores e oprimidos. Sendo que ela se volta para o oprimido, trazendo situações que apontam para uma sociedade regida por um sistema que fragmenta o ser humano, levando-o à alienação e à coisificação.

Em *A casa da madrinha* (2008), a criança se vê em um ambiente autoritário. Nela, Alexandre e Vera buscam soluções para os conflitos que a eles são impostos pelos adultos. Desse modo, eles passam a construir a sua identidade, buscando a própria emancipação. O protagonista se infiltra no mundo do jogo imaginário, desejando superar os problemas do mundo real no contexto familiar em que o tornam submisso, silencioso. Apenas a imaginação será capaz de causar a transgressão para “a outra margem do rio”, como diria Guimarães Rosa, na qual se encontra a libertação do personagem Alexandre e, também, do leitor.

Em *A casa da madrinha* (2008), Alexandre é menino pobre, vendedor de sorvetes nas praias de Copacabana, Rio de Janeiro, e seu amigo, o Pavão, um animal humanizado, que pensa, ainda que

pingado, age e fala. Além deles, aparecem outros personagens, entre eles: Augusto - seu irmão, contador de histórias e que desperta no menino o desejo de encontrar a casa de sua madrinha, onde nada falta e tudo é realizável - e a menina Vera - sua amiga. O enredo se dá em *flash backs*. A autora começa a história pelo meio e, ao longo do livro, vai explicando o passado dos personagens. O leitor se conscientiza dos fatos que se desenvolveram antes do início da narrativa a partir das conversas que Alexandre tem com Vera. Esses diálogos são quase que reminiscências.

Alexandre e o Pavão não estão juntos por acaso. Eles apresentam características semelhantes. Ambos desejam a liberdade, o conhecimento do “desconhecido”. O menino, em meio à miséria, deixa sua casa e família, para buscar a casa de sua madrinha, não duvidando, em momento algum, da existência do lugar sobre o qual seu irmão Augusto lhe contara. Em certo momento, ao conversar com Vera, sua amiga, Alexandre descobre que os pais da menina negam a existência da tão desejada casa. É assim que ela reproduz a voz autoritária de seus pais: “tá na cara que você não tem madrinha nenhuma! Aquilo foi história que o Augusto inventou pra você dormir! [...]” (BOJUNGA, 2008, p. 130).

O discurso dos pais de Vera representam o sistema, o qual deseja “enculcar” nos indivíduos as ideias que lhes são viáveis, produtivas para que ele permaneça da maneira que é, castrando dos indivíduos as esperanças de superação.

Vera, aos poucos, é moldada pelos pais para se adequar a essas regras, como mais uma que a ele se rende. Já o menino não se rende e, por isso, é uma má influência para ela. O olhar dele é diferenciado. Em suas conversas com Alexandre, Vera sempre precisa da “autorização” do menino para que a sua capacidade inventiva se processe. Ela sempre pergunta a ele como deve proceder mesmo no que se refere à sua capacidade inventiva. Vera é treinada pelo sistema para não ter liberdade de pensar ou agir, para que suas ações sejam sempre moldadas e permitidas por alguém. Tanto é que, em dada cena, imaginando um cavalo, quando ela se dá conta de que o animal ultrapassou os limites permitidos, o outro lado da cerca, e, com Alexandre e o Pavão, a menina sentiu medo, tudo ficou escuro; o cavalo desapareceu. Mas Alexandre decidiu: “Eu não deixo ele [o medo] me amarrar”, mas “Vera continuava tão amarrada que nem respirava direito” (BOJUNGA, 2008, p. 140).

Vera quer transgredir as regras, mas seus pais não permitem. Eles detêm o poder. Ela não tem escolha. Ainda que não seja essa a sua vontade. A capacidade inventiva de Vera é castrada pela realidade em que vive. E quantos não são castrados pelos sistemas/ instituições de poder da

sociedade? Em alguma medida, ao que parece, pessoa alguma é livre. Porém, alguns nem mesmo vivem um ensaio de liberdade.

Vera e Alexandre apresentam uma lógica diferente da dos pais da menina. Diferente da de todos os adultos. Com exceção, apenas, de Augusto e da professora do menino. Ela era diferente. Tinha uma maleta mágica. Acreditava no sonho. Instigava-o. Mas, por isso mesmo, foi castrada, perdeu a maleta, a capacidade de sonhar, de fazer sonhar.

Alexandre é a representação dos excluídos, destituído da sua capacidade de produzir voz. Ninguém acredita nele. Apenas, Vera, que é quase igual a ele, por ser criança. Ainda que, às vezes, duvide dele, quando ouve a voz dos adultos (seus pais). Há dois motivos para que Alexandre seja a representação do infante excluído: ele é criança e é pobre. O pobre também não tem voz, daí também não ter seus direitos respeitados. Muitas vezes, nem os conhece e, portanto, não pode lutar por eles. A esse desconhecimento importa perpetuar aqueles que detêm o poder. E diversas são as situações em nossa sociedade que comprovam esse fato. O que revela uma violência simbólica praticada por uma minoria, que se autodenomina elite, detentora e guardiã de todo o conhecimento cultural que acredita ser o único válido de se obter.

Alexandre representa essas pessoas ao mesmo tempo em que se diferencia por ser teimoso, persistente, corajoso, ao lutar pelo que acredita. O menino, talvez pelo *status* social que esta profissão possa lhe conferir, deseja ser médico. No entanto, o sistema poda seu desejo, chamando-o para sua realidade sofrida de pessoa excluída: o menino precisa deixar a escola (instituição capaz de promover a emancipação dos sujeitos). Mesmo diante disso, Alexandre não se curva: vai em busca de um lugar onde nada lhe falte e tenha tudo o que precisa, a casa de sua madrinha.

Nesse aspecto, percebemos dois extremos: de um lado, à pressão daqueles que desejam a permanência do poder que possuem (adultos da classe alta), de outros os que desejam, senão o poder, apenas o direito de viver dignamente (aqueles que estão à margem, que não têm acesso aos diversos bens culturais, que são castrados do direito à educação e à saúde de qualidade, que são despojados de sua capacidade reflexiva entre outras tantas questões).

Há, nessa obra, um amontoado de vozes que se misturam, se entrelaçam num jogo de relações de luta pela permanência ou pela fuga das regras impostas e do poder como demonstra a tabela abaixo.

Tabela 1: Relações dos Olhares e das Vozes das Personagens

Personagens	olhar(es), voz(es) que representa(m)
-------------	--------------------------------------

Alexandre	Único que, não se deixando envolver pelas “armadilhas” do sistema, consegue vencer muitas de suas pressões pela força da imaginação.
Augusto	Aquele(a) que leva o sujeito a refletir sobre sua realidade e lhe apresenta alternativas de sair do abismo em que se encontra.
A Família de Alexandre	Representa as minorias que se submetem ao sistema, ainda que dele não obtenham benefício algum.
Os donos do Pavão	Não estão no topo do sistema, mas estão autorizados a massacrar aqueles que a ele estão subordinados, a fim de que o lucro, sempre o lucro, se realize.
O Pavão	Vítima do sistema, embora tente viver fora dele, traz em seu corpo e em sua mente as marcas de quem a ele foi submetido.
A Professora de Alexandre	Representa a instituição escolar como emancipatória dos sujeitos que a ela estão ligados.
Vera	Tenta burlar as regras, entretanto, elas já estão tão enraizadas em seu inconsciente que não consegue por muito tempo.
Os Pais de Vera	Representantes ideais do sistema, a eles interessa reproduzir todas as práticas estereotipadas existentes para a sua manutenção.

O olhar de Alexandre é diferenciado uma vez que ainda não está “contaminado” pelas amarras que a sociedade lhe impõe ao longo da vida. Ele não entende, por exemplo, o porquê dos pais de Vera não gostarem dele, já que, para ele, não há motivos para isso. Para o menino, ele vai em busca de seu sonho, já para os pais de Vera, ele é apenas um menino de rua que vive à toa na estrada.

É, com a chave da porta da casa de sua madrinha, que ele se torna capaz de vivenciar esse momento de epifania, é sua vez. Sua voz, enfim, será ouvida. Ao pegar a chave e guardar em seu bolso, ele diz: “Agora vou viajar com a chave da casa no bolso; não vou ter mais problema nenhum” (cf. BOJUNGA, 2008, p. 168)

Agora que sabe que a possibilidade de concretizar seus anseios é real, o menino se empolga e está pronto para as descobertas que o desconhecido pode lhe proporcionar. Há, por assim dizer, o fechamento de um ciclo e a abertura de outro. A partir daí, ele terá uma nova forma de olhar a realidade. A chave para a mudança, a chance para o novo. Se o medo não será obstáculo uma vez que, com a chave, ele terá o poder de superá-lo, o medo é que deve ser vencido primeiro. O medo de acreditar, o medo de desejar algo novo, de crer merecê-lo.

Se analisarmos bem, não é a casa da madrinha de Alexandre em si que se torna importa, mas a sua busca, o processo de persistência, de luta por um ideal de mudança, de desejo do novo, de esperança. Mas do que chegar à casa e lá encontrar fartura, é o caminho, tudo o que Alexandre conheceu que importa. A casa é uma utopia para que se deseje ir além e mesmo que se chegue aonde desejar se busque ir mais além. É essa, ao que parece, a eterna busca, primeiro do ser humano; depois, de toda uma sociedade.

4. Considerações finais

Diante da relevância estético-literária da obra estudada e da complexidade em linguagem leve e desconstruída com que Bojunga trata de questões importantes não só para a época em que foi publicado o livro mas também na atualidade, uma vez que aborda o olhar humano para a vida, por acreditar que essa obra é capaz de se transformar para os alunos em texto de prazer e de fruição, é que defendemos a sua leitura em sala de aula para a formação de leitores letrados, sensíveis e humanos.

5. Referências

ALLIENDE, Felipe; CONDERIMAM, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8 ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

ARAÚJO, Edite. *Lygia Bojunga Nunes e seu projeto literário: uma contribuição significativa para a formação do leitor*. UFMS, s.d. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/... leitor/...>> Acesso em 10 de fevereiro de 2013.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BOJUNGA, Lygia. *A Casa da Madrinha*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2008.

CARDOSO, Sérgio. *O Olhar Viajante (do etnólogo)*. In: O olhar. Org. Novaes, Adauto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

COSSON, Rildo. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.